

# Higienizar, cuidar e civilizar:

## o discurso médico para a escola paranaense (1920-1937)

Liliana Müller Larocca<sup>1</sup>  
Vera Regina Beltrão Marques<sup>2</sup>

LAROCCA, L.M.; MARQUES, V.R.B. Sanitizing, caring and civilizing: the medical discourse for schools in the State of Paraná (1920-1937). *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, v.14, n.34, p.647-60, jul./set. 2010.

Based on the investigation of medical discourses referring to school sanitation, this study addresses the spread of the Hygiene science in the State of Paraná, southern Brazil, between 1920 and 1937. Discourses to schools present in many sources, mainly periodicals, *Archivos Paranaenses de Medicina* and *Revista Medica do Parana*, pointed out the perception of medicine underpinned by Hygiene, in which doctors advocated a new social function: educators. By discussing intervention in schools and their users, doctors intended to “care for, protect and sanitize infancy”, a task aiming to insert the territory of Paraná in the national process of hygienic and social sanitation. It is a historical research study, inspired by Norbert Elias’ ideas of Civilizing Process. Thus, its purpose is to recognize civility proposals in the medical discourses created to the schools of the State of Paraná. Educational conceptions in the studied period evolved from knowledge, prescriptions and discourses on Hygiene science and its greatest advocates - the doctors.

**Keywords:** School health. Eugenics. History of medicine. Medical education.

Com base na investigação dos discursos médicos referentes à higienização da escola, este estudo problematiza a difusão da ciência Higiene na sociedade paranaense no período compreendido entre 1920 e 1937. Os discursos para a escola presentes em várias fontes, com destaque para *Archivos Paranaenses de Medicina* e *Revista Medica do Paraná*, emergiram a percepção de uma medicina na qual os médicos defendiam uma nova função social: a de educadores. Ao tematizarem sobre uma intervenção nas escolas e nos seus usuários, pretendiam “cuidar, proteger e higienizar a infância”, tarefa assumida com vistas à inserção do território paranaense no processo de saneamento sanitário e social. Trata-se de uma pesquisa de caráter histórico, inspirada nas ideias de processo civilizador de Norbert Elias. Assim, propõe-se reconhecer propostas de civilidade contidas nos discursos médicos. As concepções de educação e as prescrições para a escola no período estudado, produzidas pela Ciência Higiene, são aqui apresentadas.

**Palavras-chave:** Saúde escolar. Eugenia. História da medicina. Educação médica.

<sup>1</sup> Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Paraná. Rua Padre Camargo, 120, Curitiba, PR, Brasil. 80.060-240. larocca\_m@terra.com.br

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

## Introdução

Desde meados do século XVIII, o “cuidar de si” era preconizado por meio de conselhos médicos divulgados nos manuais de boa conduta que se encontravam embebidos do ideal iluminista de uso da razão humana para promoção do progresso social (Marques, 2003).

A preocupação com a higiene das pessoas e das cidades e sua transformação em um conjunto de normas e leis, com objetivo de controlar doenças e de melhorar a vida em sociedade, foi decorrência de um longo percurso histórico (Hochman, 1998). A higiene como ciência e prática médica data do início do século XIX. Entendida como “arte de conservar a vida”, indicava rumos para sua utilização, fosse pelos que afirmavam as responsabilidades individuais no processo de adoecer e morrer ou como conceito para os que alardeavam sua determinação social (Arouca, 1975).

Compreendida como medida para diminuir o desperdício de recursos humanos causado pelas doenças, a Higiene também foi “guia científico”. Como disciplina acadêmica, se destacou na Alemanha em meados de 1860, servindo de alicerce para o progresso e regeneração social (Arouca, 1975). Como ciência, se institucionalizou, produziu práticas e discursos, os quais encontraram eco e visibilidade na atuação dos médicos paranaenses.

O conceito de limpeza passou a refletir o processo de civilização de uma sociedade, moldando gradualmente as sensações corporais. Refinou comportamentos e desencadeou, sutilmente, seu polimento; promoveu o crescimento do espaço privado, do autorregramento e dos cuidados individuais, ações cada vez mais estreitadas entre o íntimo e o social. Trata-se de uma história que percebeu o peso da cultura sobre as sensações imediatas: do “toalete seco” do cortesão, esfregando o rosto com um pano branco, às normas de limpeza “racional” do século XVII, nas quais os critérios de limpeza eram ditados pelos autores de livros de boas maneiras, até o advento da *era bacteriológica*, quando se iniciou um gradual deslocamento dos saberes em direção à higiene e à medicalização das sociedades (Vigarello, 1996).

No Brasil, as prescrições médicas adentraram o século XX impulsionadas pelos poderes da Ciência Higiene, de maneira a convocar a adesão a novos saberes. Gradualmente tornaram-se “rituais de saúde”, com o intuito de alavancar a cidadania, numa cruzada pela saúde, educação e civilidade (Rocha, 2003a).

A escola foi lócus privilegiado dessas prescrições, local onde a higiene formatou propostas de construção de modelos educacionais, formação de professores, inspeção de alunos e de organização de espaços e equipamentos, objetivando a formação de novos e higienizados cidadãos.

Pensada como “veículo de formação harmônica do corpo e do espírito”, à escola foi delegada a missão de modelar os futuros cidadãos necessários à construção da nação brasileira. A medicalização da infância e a intervenção nas possíveis degenerações aconteceriam, segundo os esculápios, por meio de prescrições e campanhas em prol da educação higienista, possibilitando a transposição dos bons hábitos adquiridos na escola à vida doméstica, promovendo assim o saneamento médico e social do país (Marques, 1994).

Alguns médicos paranaenses aderiram aos discursos higienistas e civilizadores, particularmente no início do século XX. Entre os veículos por eles utilizados e que permitiram auscultar seus clamores, destacamos os Archivos Paranaenses de Medicina<sup>3</sup> (APM) e a Revista Médica do Paraná (RMP)<sup>4</sup>, cujas edições circularam nas décadas de 1920-1930. Ao se reconhecerem como porta-vozes da higiene, e atuando, segundo suas normas, na contenção dos flagelos paranaenses, bem como

<sup>3</sup>Revista de Medicina Experimental e de Hygiene - Órgão Oficial do Serviço de Prophylaxia Rural, editada mensalmente entre os anos de 1920 e 1923.

<sup>4</sup>Órgão da Sociedade Médica dos Hospitais do Paraná (fundada em dezembro de 1930), mantém sua periodicidade até os dias atuais sob a chancela da Associação Médica Paranaense.

na regeneração nacional, orquestraram uma cruzada ousada: a construção de uma nova ordem sanitária, objetivando trazer civilidade para o Paraná.

O processo higienização-escolarização redundaria na civilidade, pensada como codificação de normas de conduta, condicionando, adestrando e atuando no autocontrole de pulsões, de forma a submeter os indivíduos às intervenções modeladoras (Elias, 1994, 1993). E ainda mais: civilidade foi um dos componentes do processo civilizatório, considerado não apenas um conjunto de conquistas tecnológicas ou econômicas, mas, antes de tudo, um estágio no relacionamento entre os seres humanos.

A escola então foi escolhida como foco para as intervenções nos relacionamentos humanos, desenvolvidas por meio de prescrições médicas pormenorizadas, objetivando o controle das pulsões. Controle este considerado basilar na organização da medicina social, no início dos Novecentos, no intento de construir cidadãos civilizados.

Foi um período vibrante de produção de conhecimento e tentativas de disseminar preceitos higiênicos para os professores - os mais indicados para repassá-los aos pequenos cidadãos em formação. De fato, o professorado estava em locais onde os médicos não circulavam; tinham um domínio territorial que faltava aos doutores; eram, portanto, potenciais agentes civilizadores e precisavam ser chamados à cruzada. Construir um Paraná moldado pela saúde e educação apresentava-se como o grande desafio.

### A missão de higienizar - prescrevendo para a escola

Segundo Marques e Farias (no prelo), os escolares paranaenses, no início do século XX, eram acometidos por várias doenças: gripes, verminoses, anemias, pediculoses, casos de "heredo lues" (sífilis), varicela, sarampo e escarlatina. Este cenário não deixava dúvidas: "sem higiene não haveria condições de saúde adequadas, nem 'escola produtiva' e os alunos dificilmente se tornariam futuros cidadãos moralizados e úteis ao estado e à nação, pois até do vigor físico se ressentiam".

Cabia à escola estancar a degeneração nacional. E, nesse intuito, formar professoras e normalistas para atuarem como educadoras sanitárias tornara-se imprescindível. Estudos de Rocha (2003b, p.400) demonstram que instrução, moral e saúde formariam um tripé capaz de alicerçar "[...] a atuação das **novas mensageiras da saúde**, incumbidas do **sublime apostolado** de levar a todos os cantos a boa nova da regeneração da raça brasileira" (grifos no original). Guiar a infância faria os professores "cruzados" capazes de aproximarem as crianças do "evangelho da saúde" e promoverem sua conversão à "religião da higiene" (Rocha, 2003b, p.400).

Tal papel faria parte da formação de cidadãos vigorosos e virtuosos capazes do engrandecimento nacional, levando o Brasil à "vanguarda da civilização" (Rocha, 2003b).

Discursos com ênfase eugenista chegaram ao Paraná. Nos anos 1920, as ideias eugênicas circulavam mais densamente nas publicações médicas paranaenses. A eugenia foi tema de trabalho original de Fontenelle (1923), publicado nos Archivos Paranaenses de Medicina: "[...] palavra que significa 'geração bôa' e conhecimentos científicos que concorrem para melhoramento physico e mental das gerações futuras e a necessidade de restringir a propagação dos individuos doentes, monstruosos, degenerados e deficientes mentaes" (p.107).

Como higiene da raça, a eugenia tomava para si discutir os flagelos nacionais, com destaque para: a tuberculose, consanguinidade, alcoolismo e doenças sexualmente transmissíveis. A civilidade e o autorregulamento, de acordo com os médicos paranaenses, dar-se-iam por meio de várias estratégias, dentre elas desenvolver o campo fértil do espaço escolar, uma vez que a criança era considerada "massa modelável" capaz de reproduzir, no ambiente familiar, as prescrições higienizadoras. Há que se considerar: a realidade sanitária das crianças, das famílias, das escolas e das professoras ganhava novos contornos no século XX.

Para tanto, os médicos paranaenses organizaram estratégias. E a formação higienista de professores por meio de cursos específicos foi o primeiro passo dado, já que a escola foi escolhida como "sede primeira" de formação de hábitos higiênicos, corroborando as relações entre saúde-educação e seus respectivos representantes. Nos Archivos Paranaenses de Medicina (Redacção..., 1922, p.191-2) destacava-se:

[...] o ensino de hygiene é de importância tamanha, que bem merece as atenções dos dirigentes do nosso estado, tornando-o mais desenvolvido e em condições de maior eficiencia pratica. Não basta o que se tem feito até aqui [...].

Desde meados do século XIX, intelectuais e cientistas europeus, cujas ideias ecoaram no Paraná, acreditavam que o universo era regido por leis mecânicas, causais e evolutivas, cerceando a liberdade individual. Tratar-se-ia de uma situação na qual a soma das características físicas de uma raça determinaria sua relação com o meio. O fenótipo dos indivíduos era considerado “espelho d’alma”, em especial no que se referia às virtudes e vícios (Schwarcz, 1993). Urgia, para tanto, reconhecer, nas crianças, vícios e virtudes, e fazer intervenções nos primeiros e a promoção das segundas, sendo a escola espaço ideal para tal ação.

O estabelecimento de um paradigma “moderno” à saúde brasileira - reconhecido fundamentalmente como um conjunto de ações capazes de introduzirem hábitos higiênicos e eugênicos na população e reestruturarem o “tipo nacional” - orientou os discursos produzidos nas sociedades médico-científicas nos primeiros trinta anos do século XX (Herschmann, Pereira, 1994). Reconhecemos, na construção de uma ordem sanitária nacional, etapas de um processo civilizador, no qual, de acordo com Elias (1997), algumas figurações sociais podem ser analisadas sob a ótica das coerções, nas quais, por distintas maneiras, os seres humanos estão sujeitos a relações de interdependência dentro de dinâmicas sociais específicas. Tais dinâmicas estariam representadas por mudanças nas relações entre coações sociais internas e autocoações individuais, papel amplamente reconhecido nas prescrições médico-higiênicas do início do século XX.

O movimento gerado pelos doutores paranaenses para efetivação da ordem sanitária produziu estratégias – discursos, prescrições, ocupações de espaços, eleição de coadjuvantes – que atuaram sobre e sofreram interferências do movimento social urbano paranaense desencadeado pelos atores sociais circulantes no cenário local.

Tomamos por hipótese que, além da participação de técnicos paranaenses em eventos e sociedades científicas e profissionais, um dos fatores determinantes na difusão do ideal higienista no Paraná foi a publicação de periódicos locais.

Nos anos 1920, um convênio firmado com esferas do governo federal organizou, no Paraná, um “novo serviço sanitário”: o Serviço de Profilaxia Rural (Relatório..., 1923). Estudos realizados por Fernandes (1988) apontam que o rompimento com o convênio federal, ao final da década de 1920, produziu a incorporação do Serviço de Profilaxia Rural à Diretoria dos Serviços Sanitários do Estado do Paraná, o que pode ser explicativo para a interrupção da publicação do periódico.

A saúde pública paranaense paulatinamente se inseriu no espaço escolar, local “eficientíssimo” para construção de uma ordem sanitária local e propagação dos ideais higiênicos (Fernandes, 1988).

### **A formação sanitária do professorado paranaense**

Neste estudo, consideramos a publicação dos periódicos estudados um elo entre a medicina paranaense e a escola – proposta de sensibilização ao professorado local, pois as revistas pretendiam, entre outros objetivos, ampliar os “mensageiros” da higiene pelas terras paranaenses.

Em 1920, uma estratégia para disseminar a possibilidade de regeneração nacional pela educação foi, a pedido do inspetor geral de ensino Cezar Martinez, o Curso Elementar de Higiene para professores, com o objetivo de “[...] prepara-los não só a orientar a educação dos seus discipulos, como tambem para formar no professorado um grupo de propagandistas da moderna hygiene publica” (Araujo, 1921, p.373).

O curso gratuito de dois meses, dividido em duas partes, teve conferências abertas ao público, com aulas teóricas no “Gymnasio Paranaense”. Os temas tratados estão listados no Quadro 1.

**Quadro 1.** Temas do Curso Elementar de Higiene.

Tema	Responsável
Noções gerais sobre higiene. Importância do saneamento do Brasil. Ophidismo.	Vital Brazil
Microorganismos patogênicos em geral. Infecção. As fezes do organismo. Pontos de penetração do agente infeccioso. Evolução e especificidade das infecções. Vacinação e soroterapia.	H. Araujo
Doenças contagiosas em geral. Meios de contágio. Transmissores animais de doenças: mosquitos, barbeiros, pulgas, piolhos, etc.	H. Araujo
Ectoparasitoses. Noções gerais sobre a escabiose, a pediculose, as tinfas, etc. Sua profilaxia.	Leal Ferreira
Verminoses intestinais. Noções teórico-práticas sobre a ancilostomose, a ascarirose, a tricuriose, etc. Sua profilaxia.	H. Araujo
Febres eruptivas. Noções gerais sobre a escarlatina, o sarampo e o grupo varioloso. Sua profilaxia. Vacinação anti-variólica.	Medeiros
Trachoma, raiva e doença de Heine-Medin. Noções gerais e sua profilaxia.	Leônidas Ferreira, Leal Ferreira e Medeiros
Infecções tíficas e paratíficas, disenterias, Noções teórico-práticas e sua profilaxia.	Leal Ferreira
Difteria, tétano e meningite cerebro-espinhal. Noções teórico-práticas e sua profilaxia.	Medeiros
Tuberculose. Noções teórico-práticas e sua profilaxia.	Medeiros
Leprosia. Noções teórico-práticas e sua profilaxia.	H. Araujo
Epizootias transmissíveis ao homem; peste; mormo e carbúnculo. Noções teórico-práticas e sua profilaxia.	Leal
Impaludismo. Noções teórico-práticas sobre diversos parasitos. Doença de Carlos Chagas e leishmaniose. Sua profilaxia.	H. Araujo
Doenças venéreas: sífilis, blenorragia, etc. Noções gerais e sua profilaxia.	Sebastião Azevedo
Intoxicações: morfina e cocaína, álcool e alcoolismo. Considerações médico-sociais. Sua profilaxia.	Medeiros
Higiene Geral, higiene escolar e alguns pontos de medicina social.	Sem indicação

Fonte: Araujo (1920a).

Para Marques e Farias (2007), ao dominarem esses conhecimentos, os professores paranaenses seriam considerados aptos à vigilância e à propagação do ideal higienista, papel que lhes cabia na exemplar missão de educadores.

Criado pela Lei 2.095 de 31 de março de 1921, o Serviço de Inspeção Médica escolar estava pautado na experiência paulista, trazida, não sem ressalvas, ao Paraná, pelo então Inspetor Geral do Ensino Cezar Prieto Martinez. Um dos objetivos do serviço era visitar escolas e grupos escolares, examinando “amudadamente alunos e professores” para compreender a influência que a vida escolar exercia sobre a vida das crianças (Marques, Farias, 2007).

Marques (1994) cita que, na formação dos professores, a estreita relação higiene-educação se destacou em teses, congressos e conferências. Os mensageiros, contudo, precisavam ser sabatinados e, nem sempre, conseguiram acompanhar os temas e as aulas, compostas pelo que se considerava à época o melhor da moderna saúde pública.

O programa era complexo e, ousamos dizer, inadequado para a finalidade proposta. Segundo Pykosz (2007), torna-se possível perceber, entre o âmbito educacional e o higienista, uma distância entre o prescrito e o efetivado. O respeito aos preceitos da higiene e a pedagogia moderna era dificultado devido às condições estruturais e humanas para seu cumprimento.

No Paraná, a oficialização do conteúdo higienista para ser desenvolvido junto aos escolares incluiu saberes relacionados às principais doenças que aqui grassavam, sua profilaxia e tratamento, bem como noções de primeiros socorros, o que acabou por expor necessidades relativas à formação do professorado local para o empreendimento de tal tarefa (Pykosz, 2007).

Os conteúdos de ensino demonstravam preocupação com a saúde do corpo e da mente, além de um propósito antigo: a formação de hábitos saudáveis, a contribuir para organizar espaços e corpos capazes de participarem da jornada civilizadora proposta pela intelectualidade médica de então (Pykosz, 2007).

O relatório do encerramento do Curso de Hygiene Elementar (1920) esclarecia:

[...] Dos 65 professores públicos inscriptos no curso submetteram-se a exame apenas 28 senhoras professoras, das quaes uma elevada porcentagem revelou grandes conhecimentos da materia leccionada, tendo apenas uma dellas obtido pontos em numero inferior ao estipulado para a habilitação. (Araujo, 1920b, p.266)

O diretor do curso, o médico Souza Araujo, registrou, no texto, sua satisfação com o resultado da ação, e enfatizou que “grande pleiade de professoras patricias revelou muita intelligencia, perseverança e actividade, causando a melhor impressão aos assistentes [...]” (Araujo, 1920b, p.266). Grandes nomes da Saúde Pública brasileira escreveram nos Archivos, conferindo ao discurso higienista credenciais para destacar o papel missionário dos médicos, sua cruzada civilizatória, além do imprescindível papel a ser desenvolvido pelo professorado local nessa “batalha saneadora”.

A prosperidade paranaense, segundo os intelectuais locais, não seria conquistada sem um amplo e profundo intercâmbio entre médicos e povo. Desse modo, consideramos que os professores foram “soldados recrutados” para batalhar junto às crianças e seus familiares, disseminando os ventos civilizatórios trazidos pela ciência higiene.

Um assíduo parceiro dos Archivos Paranaenses de Medicina foi o médico Belisário Penna, que fez conferência sobre a consciência sanitária durante visita a Curitiba: “Em qualquer paiz civilisado não se faz mais hygiene sem o concurso da propaganda e da educação sanitária [...]” (Penna, 1921, p.73).

Algumas contribuições ao saneamento nacional foram destacadas pela campanha contra os quatro *flagellos universaes*: alcoolismo, sífilis, tuberculose e consanguinidade, que não respeitavam: “[...] clima, regiões, nem civilisações [...]” (Penna, 1921, p.76-7).

Para Penna, o combate a esses males dar-se-ia por uma ciência positiva, experimental e biológica – a higiene – que, em conjunto com a aplicação, pelos professores, da educação higiênica nas escolas, seria capaz de desenvolver nas crianças o domínio da vontade. Tal processo teria sólida base moral, da qual se deduziriam numerosos deveres e cujo cumprimento evitaria às sociedades os perigos que a sua inobservância acarretava à espécie humana:

[...] é essa sciencia que crêa uma moral biologica, e nos indica a prophylaxia e therapeutica para prevenir e combater os terriveis flagellos que castigam e destroem a humanidade de hoje: o egoismo social, o antialtruismo, o homicidio, a dissolução da familia, o pessimismo, o malthusianismo, as doenças sociaes (tuberculose, syphilis), o anticivismo, o antipatriotismo, a desmoralisação internacional, o suicidio e as intoxicações voluntarias euphoristicas e habituaes (morphina, cocaina, haschich, ether, chloroformio, fumo, alcool etc.). (Penna, 1921, p.77)

De fato, a educação higiênica tornou-se, na década de 1920, grande aliada dos médicos paranaenses. Os Archivos Paranaenses de Medicina passaram a publicar uma seção denominada Educação Hygienica, que serviria de subsídio científico para professores desenvolverem ações higiênicas junto aos escolares.

[...] sendo creada uma secção de ‘Educação hygienica’, onde teem apparecido artigos praticos, que se distribuem, por intermedio da Inspectoria de ensino, pelos differentes Grupos e Escolas do Estado [...] quando a educação começa pela escola, desde, mesmo, o

jardim da infancia, a criação dos bons habitos, que se faz aos poucos entre populações escolares, tem repercussão magnífica no seio da familia. (Redacção..., 1922, p.192)

Acreditar na medicina e na higiene como armas civilizatórias era fundamental para demarcar um campo profissional para os doutores paranaenses, onde não cabiam credices nem charlatanismos:

A par de tudo quanto indicamos é de importancia maxima, primordial, a propaganda intensa, pertinaz, continua, por todos os meios, em toda parte, sob todos os pretextos, e a educação hygienica de toda a gente. E' imprescindivel criar a todo transe a consciencia sanitaria, quer entre as classes dirigentes, para que saibam legislar, quer entre as dirigidas, para que saibam obedecer sem relutância. (Propaganda ..., 1921, p.268)

O que havia sido feito com relação à formação das professoras, era considerado, pelos médicos locais, muito pouco. Na opinião deles, a independência do ensino de higiene daria oportunidade, aos formandos da Escola Normal, de adquirirem maior soma de conhecimentos.

[...] cumpre, pois, introduzir nos trabalhos, o ensino pratico da hygiene individual principalmente; o resto virá aos poucos mas, a reforma deve vir de cima: - formando auxiliares competentes, com uma cultura hygienica moderna, capazes de transmitir aos que lhe forem confiados principios fundamentaes que terão de abrir uma nova via de progresso, para a grandeza do nosso povo. (Redacção..., 1922, p.192)

A batalha pelo poder de difundir conhecimento foi grande entre os higienistas paranaenses. O Serviço de Profilaxia Rural, mais ligado à esfera federal, e os programas estaduais de saúde e educação disputavam entre si importantes recursos humanos - professores e alunos - para propagar ideais em um espaço privilegiadíssimo: a escola.

Passados doze anos do curso do Serviço de Profilaxia Rural, em fevereiro de 1932, o diretor da Inspeção Médica Escolar apresentou artigo, à Revista Médica do Paraná, no qual propunha a separação efetiva entre o ensino de biologia humana e o da higiene.

Para tanto apresentou roteiro de curso intitulado Educação Sanitária, no qual as questões da higiene escolar exigiriam, dos professores, conhecimentos de vários domínios. Retomar a estratégia de formar professores, colaboradores eficientes na formação da consciência sanitária, era imprescindível. Para alcançar esse objetivo, a Inspeção Médica Escolar do Paraná incluiu, nos seus programas de serviços, o Curso de Educação Sanitária, destinado a "ministrar aos alunos do ultimo ano da Escola Normal conhecimentos necessarios, se bem que elementares, de higiene e medicina preventiva e breves noções sobre as molestias transmissíveis [...]" (Macedo, 1932, p.123).

O curso ofertado pela Inspeção Médica Escolar não pretendia, segundo seus organizadores, resolver o problema "da formação mental do professor para a sua elevada missão educativa, nem substituir a cadeira de higiene do curso normal" (Macedo, 1932, p.124). Era considerado um ensaio que buscava fornecer-lhes bases concretas para compreensão do programa de higiene do Estado, de modo "[...] a integrar nosso professor nos problemas referentes às praticas sadias no meio escolar e consequente repercussão destas nos lares" (Macedo, 1932, p.125).

A Inspeção Médica Escolar não possuía, "para a sua missão", os recursos necessários para dispensar "a colaboração inteligentemente desenvolvida no meio escolar pelo professor. Sem esta colaboração assidua e permanente, todo e qualquer esforço do médico escolar será grandemente prejudicado" (Macedo, 1932, p.125).

No Quadro 2, reproduzimos o programa semestral, apresentado em 1931, do Curso de Educação Sanitária da Inspeção Médica Escolar do Paraná para o 5º ano da Escola Normal. Composto por trinta itens, o curso poderia ser considerado uma exposição breve da ciência higiene e principais fatores do adoecimento e mortalidade dos paranaenses.

**Quadro 2.** Temas do Curso de Educação Sanitária.

Temas trabalhados
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Micróbios: forma e estrutura. Protozoários. Cogumelos. Bactérias</li> <li>2. Biologia geral dos microorganismos patógenos</li> <li>3. Desinfecção. Agentes de desinfecção</li> <li>4. Infecção, seus agentes e especificidade</li> <li>5. Imunidade e imunização</li> <li>6. Toxinas e anti-toxinas</li> <li>7. Difteria</li> <li>8. Coqueluche</li> <li>9. Febre Tifóide</li> <li>10. Tuberculose</li> <li>11. Lepra</li> <li>12. Estomatites e conjuntivites</li> <li>13. Vitaminas – Avitaminoses</li> <li>14. Vírus filtráveis. Raiva</li> <li>15. Sarampo</li> <li>16. Escarlatina</li> <li>17. Varíola, Alestrim e Varicela</li> <li>18. Vacinas e soro-vacinas</li> <li>19. Biologia Geral e papel patogeno dos parasitas animais: tripanozomas. Spiroquetas. Hematozoários</li> <li>20. Doença de Chagas</li> <li>21. Sífilis</li> <li>22. Malaria</li> <li>23. Amoebas. Schistozomas</li> <li>24. Disenterias</li> <li>25. Tênia. Ascaris. Oxyurus. Ancilostomum. Tricocefalos</li> <li>26. Verminoses</li> <li>27. Sarna e phthiríase</li> <li>28. Sarcoptes scabiei e Pediculídeos</li> <li>29. Papel patógeno dos dípteros; pulez irritans. Sacopsyla penetrans</li> <li>30. Papel patógeno dos dípteros. Moscas. Mosquitos transmissores de doenças: anofeles. Stegomya.</li> </ol>

Fonte: Macedo (1932).

A não sobrecarga de esforços às normalistas era fator considerável na organização do curso, pois, segundo o Inspetor, os deveres morais, por parte das alunas, se resumiriam

[...] num pouco de atenção nos ensinamentos e demonstrações praticas dos médicos [...] espurgado de minucias fastidiosas bem como de terminologia técnica, ao alcance de qualquer inteligência, abrirá novos horizontes á mentalidade dos futuros professores para o julgamento das nossas realidades sanitárias e muito contribuirá para o aproveitamento de uma colaboração valiosa, perfeitamente integrada das suas responsabilidades na educação popular, para a transformação dos nossos hábitos de higiene. (Macedo, 1932, p.125)

Em termos de conteúdos, não percebemos diferenças significativas entre o Curso Elementar de Higiene (1920) e o Curso de Educação Sanitária da Inspeção Médica Escolar do Paraná (1932). Torna-se importante destacar, no primeiro curso, um tom moralizador, perceptível pelos temas “saneamento do Brasil”, “higiene geral e higiene escolar”, que não aparecem no curso de 1932, mas que certamente estariam diluídos quando das discussões sobre sífilis. Talvez, mais importante que a diferença conceitual entre os cursos fosse a distinção entre seus promotores: o Serviço de Profilaxia Rural (ligado ao Departamento Nacional de Saúde Pública) e o Serviço de Inspeção Médica Escolar, numa tentativa de, por meio do segundo, valorizar a educação e os médicos locais.



Além de cursos, as normalistas recebiam a visita regular dos doutores paranaenses na Escola Normal. Chamadas ao cumprimento do dever moral de engajamento à missão higienista, tiveram contato, entre outros, com Milton Munhoz, professor de Higiene da Faculdade de Medicina do Paraná.

Ao versar sobre saúde pela educação, em palestra proferida no Salão Nobre da Escola Normal, como encerramento da Semana da Educação, em 25 de novembro de 1933, Munhoz afirmou, ao público, seu convencimento da parceria higiene-educação como caminho verdadeiro para realizar os “sonhos mais belos da Medicina Social”. Atribuiu relevância ao papel dos médicos, cuja missão era ser

[...] orago da saúde, aconselhando os meios de a manter íntegra, ensinando as medidas de prevenção e colocando ao alcance de todos os recursos de defesa contra o inimigo comum que é a molestia. O médico é bem o representante terreno das duas divindades da mitologia grega. Como Asclépio, astuciosa, vigilante e prudentemente cura, quando pôde, os organismos doentes e como Higiéia, de posse da sabedoria dos fenômenos normais e patológicos, transmite aos que estão sob sua imediata guarda a verdade científica do seu tempo para o bem de seus semelhantes. (Munhoz, 1933, p.11)

Para Munhoz e outros médicos paranaenses, era deles também o papel de sensibilizar, treinar e supervisionar a ação do professorado na coadjuvância da missão higienista no Paraná. Segundo ele, a ingerência do médico não deveria ser menor na educação, pois acreditava que o pedagogo deveria atuar em parceria com o primeiro, que, de fato, seria o técnico capaz de determinar as possibilidades físicas e mentais dos educandos e assim “[...] orientar, corrigir e auxiliar a tarefa do professor” (Munhoz, 1933, p.12).

A ciência capaz de aproximar pedagogia e medicina seria a higiene, pois, ao incorporar conhecimentos de outras ciências, alargou desmesuradamente seu raio de ação: “[...] Os conhecimentos que mobiliza, a sua constante interferência em todos os quadrantes da atividade humana, a necessidade cotidiana dela em todos os nossos atos, avantajaram-na à própria ciência donde proveio [...]” (Munhoz, 1933, p.13).

Com poderes de interferir na saúde, “[...] fator imprescindível de progresso e para a pátria um dos maiores motivos de sua grandeza”, a Higiene seria capaz de produzir também cooperação social. A participação dos professores na valoração da saúde, um dos grandes “bens concedidos ao homem”, não era privilégio nem prêmio distribuído pela sorte, mas sim, considerado por Munhoz, objetivo conquistável pelo esforço e inteligência. Estes teriam, talvez, um de seus mais importantes papéis, afinal, segundo ele, a “saúde perene” e o desaparecimento das moléstias eram passíveis de serem conquistados pela aplicação dos preceitos da higiene (Munhoz, 1933, p.12).

A assistência sanitária, efetivada também por meio da educação, deveria estender sua proteção a todos os cidadãos. Segundo Munhoz, a proteção à sociedade seria “[...] passível de medidas, às vezes violentas, mas explicáveis e necessárias” (Munhoz, 1933, p.12).

O conjunto de medidas apresentadas pelos higienistas possibilitariam, então, o aperfeiçoamento contínuo da sociedade que se formulava, para o médico paranaense, em uma só palavra: progresso (Munhoz, 1933, p.13).

Mais que propiciar saúde, a higiene poderia colocar os desviantes em condições tais “que as suas energias se não desviem nem esmoreçam, que a sua contribuição econômica e social seja propícia” (Munhoz, 1933, p.14).

Apresentar esse ideário às jovens normalistas fazia parte de uma estratégia dos médicos paranaenses: torná-las copartícipes da construção de uma consciência sanitária nacional, na qual a educação higiênica impor-se-ia como complemento inseparável da educação geral e, também, como base formadora de cidadãos saudáveis e capazes de promoverem o progresso e a prosperidade.

[...] devemos educar não para a escola mas para a vida de modo a que se tornem em elementos úteis e produtivos [...] Da cera virgem tem o educador de modelar, com habilidade de artista, o homem capaz. A educação não se limita somente a desenvolver as faculdades mentais. Vai mais longe [...]. (Munhoz, 1933, p.12-3)

Sob tal perspectiva, a saúde pela educação, segundo o paranaense Munhoz, precisava de regras para não ser uma proposta utópica. Passou, então, a elencar alguns preceitos, que uma vez desenvolvidos pelas jovens professoras, tanto contribuiriam para o sucesso da empreitada higienista.

O primeiro passo seria criar, nos indivíduos, hábitos sadios:

A formação de hábitos bons, hábitos sadios, na criança de tenra idade é o ponto de partida da educação [...] o empirismo nos aconselha que não há mistério esperar que a razão desperte para se iniciar a educação [...] A educação higiênica cifra-se na aquisição de hábitos que lentamente incorporados ao automatismo psicológico formarão mais tarde a **consciência sanitária** (grifo no original). Quanto mais cedo se a iniciar tanto mais reais os resultados. A criança registra passivamente as impressões recebidas. (Munhoz, 1933, p.14-5)

Para interlocutor dos “hábitos bons” tomamos Norbert Elias (1997), que entende *habitus* basicamente como uma segunda natureza, não tomada de forma essencialista, fixa e estática, mas como soma de modificações ao caráter individual movimentadas pelo autoaperfeiçoamento. Os higienistas preconizavam, para a regeneração da raça, o desenvolvimento da capacidade humana de autoaperfeiçoar-se com a conseqüente aquisição de hábitos saudáveis.

A escola, para alguns médicos paranaenses, era

[...] pedra angular da educação higienica. Para tanto deve estar preparada para a sua nova missão. O edifício onde funciona deve ser construído de acordo com a engenharia sanitária, o material escolar adequado, as instalações sanitárias suficientes e mantidas em rigoroso asseio [...]. (Munhoz, 1933, p.14-5).

Desse modo, Munhoz apresentou, aos alunos da Escola Normal, prescrições, descritas no Quadro 3.

**Quadro 3.** Regras para a escola e professoras.

Lista de prescrições do médico Milton Munhoz
A criança deverá entrar e sair limpa da escola.
Durante as aulas a professora corrigirá atitudes irregulares nas carteiras e bancos, prevenindo posições viciosas.
No recreio a professora regulará jogos e exercícios de acordo com a capacidade física dos alunos.
A professora deverá ensinar aos alunos a se servirem dos aparelhos sanitários.
A professora evitará que os alunos façam sua merenda em local impróprio e com mãos sujas, mastigando apressadamente os alimentos.
Colocar em cada escola uma professora da saúde escolhida entre as moças de mais bela aparência em pleno gozo de saúde e entusiasta da higiene.
As regras higiênicas deverão ser praticadas a princípio intencionalmente e depois de forma automática.
A professora deverá despertar na criança o interesse pela saúde, de forma positiva, por meio de brincadeiras, pelo exemplo e pela ação.
A professora estimulará e organizará a formação de pelotões de saúde, sob moldes militares, com promoções, distintivos, competições e até cadernetas de serviço em que serão anotados, além das conquistas, cuidados corporais, peso e altura.
A professora deverá encaminhar os alunos para exames médicos periódicos.

Fonte: Munhoz (1933).

Para o cumprimento de tantas prescrições, se impunha, como preliminar, a instrução das professoras, pois para Munhoz a tarefa educacional em matéria de higiene caberia ao professorado primário, sendo considerado, por ele, incoerência tentar qualquer iniciativa sem a prévia formação de um corpo consolidado de educadores.

Todos esses envolvimento seriam para dar conta dos dois maiores problemas nacionais, conforme o higienista paranaense: educação e higiene.

Volvamos as nossas vistas para as escolas, colocando-as á altura da sua nobre missão, introduzamos nela a educação higienica, eficiente e proveitosa, demos corpo a essa aspiração, que até hoje na poude ainda se concretisar como devera [...] Trabalhemos pela saude do nosso povo e assim teremos contribuído para a felicidade do Paraná e grandeza do Brasil. (Munhoz, 1933, p.18)

Em 1937, a Revista Medica do Paraná publicou tema que destacou as mazelas do meio rural, referindo-se à ignorância como a maior delas. Propôs que a escola primária fosse estrategicamente reconhecida como Centro de Educação: “[...] as crianças escolares são physica e espiritualmente mais sadias e, por isso mesmo, mais alegres; as novas idéias de progresso e civilização são mais facilmente difundidas pelas vias de comunicação [...]” (Gonzaga, 1937, p.301-2).

Todavia, o progresso por si não era garantia de um processo civilizador:

E’ sabido que o progresso de um paiz está em razão dirécta da cultura do povo. O saber é o principal capital da propriedade. E a instrucção, em todos os seus graus, é a unica chave que abre a porta ao progresso material, social, civico e profissiona. Quando o ensino aliado á hygiene tiver penetrado em todas as massas populares das mais reconditas regiões ruraes, - novos e promissores horizontes estarão desvendados para a nossa nacionalidade. (Gonzaga, 1937, p.301-2)

O caboclo se tornou referência no reconhecimento dos grandes problemas relacionados ao progresso nacional, de modo que sua redenção ou impedimento de seu aparecimento seriam conseguidos pela aplicação do ideal higienista, no qual educação e eugenia seriam fundamentais, porém somente o apostolado das professoras não seria capaz de tamanha mudança:

A instrução e a hygiene constituem as duas forças eugenisadoras capazes de salvar a criança da roça – o nosso caboclo de amanhã. A simples e rudimentar alphabetização nada adeanta sem a complementar educação: educação civica, educação physica, educação economica, educação profissiona, educação sanitaria, enfim, transformar o inconsciente e consciente [...]. (Gonzaga, 1937, p.303)

O imperativo categórico era convocar médicos para formar sanitariamente as professoras, pois, mesmo após os cursos realizados, críticas se faziam presentes, talvez pela distância existente entre os cursos ministrados e a prática pedagógica cotidiana:

Infelizmente, entre nós, o ensino de hygiene nas escolas normaes deixa muito a desejar [...] A escola primaria deve ser a primeira e a maior escola de hygiene de um paiz [...] ella exerce com o ensinamento da hygiene uma nova função social [...] cada escola deve ser um templo de hygiene onde as crianças se habituem a praticar ritos de asseio, a hygiene sendo uma religião civica [...]. (Gonzaga, 1937, p.303)

Foram, então, apresentadas algumas conclusões que já configuravam a prática de alguns médicos paranaenses, de acordo com a citação: “Não basta combater o analphabetismo; é necessario higienisar pela educação e pelo saneamento [...] O ensino de hygiene nas Escolas Normaes deve ser intensivo, cuidando tanto da hygiene urbana como da rural [...]” (Gonzaga, 1937, p.304).

## Considerações finais

Ao final do século XIX e início do século XX, o ideal de progresso adquiriu, para os médicos paranaenses, significados distintos, mas com um mesmo receituário a balizar seus discursos: higiene se ensina e se aprende na escola.

Naquele período, a organização de uma ordem médica no Paraná, centrada em um modelo para a escola projetado com bases na racionalidade científica advinda da ciência higiene, produziu mais que discursos; passou a elaborar prescrições para seus usuários, mesmo que a acessibilidade a elas fosse um fator complicador para a grande maioria dos paranaenses.

Cuidar, proteger e higienizar a infância, por meio da escola, foi tarefa assumida com vistas à inserção do Paraná no processo de saneamento sanitário e social que, segundo seus idealizadores, uma vez disseminado, promoveria a melhoria de nossa gente, de nossa raça e a contenção das doenças que nos assolavam.

A construção de uma legitimidade local e o anseio de uma identidade própria forjaram a difusão de um ideal europeizado, no qual médicos discursavam sobre “o clima salubérrimo” e sobre um espaço idealizado para o Paraná. Contraditoriamente, conviviam com as estatísticas nada “civilizadas” da morbimortalidade populacional, com a organização e construção de hospitais, sanatórios, entre outros estabelecimentos de “combate às doenças”.

No afã de transformar esse quadro, elegeram-se a escola e a infância para serem higienizadas e, assim, galgarem etapas na construção de um processo civilizador. Pois vale lembrar que crianças moldadas pela higiene tornavam-se importantes disseminadoras de hábitos higienizados, transformando-se também em agentes da saúde, atuando especialmente junto às suas famílias.

Nossa pretensão foi dar visibilidade à ciência da higiene no movimento de medicalização da sociedade paranaense, adentrando em espaços ocupados pela retórica higienista, nas intervenções do cotidiano, em um processo de civilização que vislumbrava ser caminho para o progresso e redenção nacionais.

Seguindo um ideário positivista do final do século XIX, a higiene e a educação adentraram ao século XX, consolidadas em seu papel difusor do espírito científico, imprescindível à regeneração social, mesmo que, em vários momentos, o “social” ficasse à margem das discussões e as formas ditas higienizadas de viver propostas fossem pouco acessíveis às populações pobres. Ao se considerarem “intelectuais”, os médicos paranaenses se conformaram como agentes difusores da ciência e valorizaram o potencial do higienismo como estratégia civilizadora.

Como foco central das práticas discursivas dos médicos paranaenses, higiene e educação foram o arcabouço deste estudo. Os saberes médicos construídos se aproximaram dos saberes pedagógicos, expondo, frequentemente, aspectos contraditórios, mas que tiveram como base a higienização da escola e de seus usuários. Stephanou (1999) comparou esta produção de saberes e prescrições a um caleidoscópio, cuja visão infinita permite desvelar relações entre sujeitos higienizadores e higienizados e produção de procedimentos de controle e dependência.

### Colaboradores

Liliana Müller Larocca responsabilizou-se pela elaboração do manuscrito (com base em um capítulo da tese de doutoramento). Vera Regina Beltrão Marques responsabilizou-se pela análise do referencial teórico, análise das fontes e discussões temáticas.

**Referências**

- ARAUJO, H.C.S. Curso de hygiene elemental. **APM**, v.1, n.11, p.373, 1921.
- \_\_\_\_\_. Curso elemental de hygiene. **APM**, v.1, n.7, p.240-2, 1920a.
- \_\_\_\_\_. Curso de Hygiene elemental. **APM**, v.1, n.8, p.266, 1920b.
- AROUCA, S. **O dilema preventivista**: contribuição para a compreensão e crítica da medicina preventiva. 1975. Tese (Doutorado em Medicina Social) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1975.
- ELIAS, N. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.
- \_\_\_\_\_. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v.2.
- FERNANDES, L. **A Secretaria do Estado da Saúde do Paraná, suas origens e sua evolução no período de 1853–1983**. Curitiba: Sesa/FSCMR, 1988.
- FONTENELLE, J.P. A eugenia. **APM**, v.4, p.107-13, 1923.
- GONZAGA, A.G. A escola primária: centro de educação sanitária. **RMP**, v.4, n.8, p.301-4, 1937.
- HERSCHMANN, M.M.; PEREIRA, C.A.M. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.9-42.
- HOCHMAN, G. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, Anpocs, 1998.
- MACEDO, J.P. O curso de educação sanitária da inspeção medica escolar do Paraná. **RMP**, v.1, n.3, p.122-7, 1932.
- MARQUES, V.R.B. Instruir para fazer ciência e a medicina chegar ao povo no Setecentos. **Rev. Port. Pedag.**, v.37, n.2, p.171-83, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A medicalização da raça**: médicos, educadores e o discurso eugênico. Campinas: Unicamp, 1994.
- MARQUES, V.R.B.; FARIAS, F.C.S.A. Eugenia e a doença dos escolares em terras paranaenses nos anos de 1920. In: MONTEIRO, Y.N. (Org.). **História da saúde**: as interfaces da interdisciplinaridade. São Paulo: Secretaria de Saúde de São Paulo, no prelo.
- \_\_\_\_\_. A inspeção médico-escolar no Paraná dos anos 1920: o apostolado de médicos e professores. In: DINIS, N.F.; BERTUCCI, L.M. (Orgs.). **Múltiplas faces do educar**: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente. Curitiba: UFPR, 2007. p.125-36.
- MUNHOZ, M. A saúde pela educação. **RMP**, v.3, n.1, p.11-8, 1933.
- PENNA, B. O demônio da humanidade. **APM**, v.2, n.3, p.71-8, 1921.
- PROPAGANDA higienica. **APM**, v.2, n.7/8, p.268, 1921.
- PYKOSZ, L.C. **A higiene nos grupos escolares curitibanos**: fragmentos da história de uma disciplina escolar (1917-1932). 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.
- REDACÇÃO. Da necessidade do ensino da hygiene nas escolas. **APM**, v.3, n.5, p.191-3, 1922.

RELATÓRIO do Serviço de Saneamento e Prophylaxia no Paraná (1922). Curitiba, 1923.

ROCHA, H.H.P. Higiene em imagens: os impressos e a propaganda de novos modos de viver. **Rev. Port. Pedag.**, v.37, n.2, p.185-201, 2003a.

\_\_\_\_\_. **A higienização dos costumes**: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925). Campinas: Mercado das Letras, 2003b.

SCHWARCZ, L.M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

STEPHANOU, M. **Tratar e educar**: discursos médicos nas primeiras décadas do século XX. 1999. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1999. v.1 e 2.

VIGARELLO, G. **O limpo e o sujo**: uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

LARocca, L.M.; MARQUES, V.R.B. Higiene, cuidar y civilizar: el discurso médico para la escuela paranaense (1920-1937). **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.14, n.34, p.647-60, jul./set. 2010.

Con base en la investigación de los discursos médicos referentes a la higienización de la escuela, este estudio plantea el problema de la difusión de la ciencia Higiene en la sociedad paranaense en el periodo comprendido entre 1920 y 1937. Los discursos para la escuela presentes en varias fuentes destacándose los Archivos Paranaenses de Medicina y la Revista Médica del Paraná, estado de Brasil, hicieron emerger la percepción de una medicina en la cual los médicos defendían una nueva función social: la de educadores. Al plantear los temas sobre una intervención en las escuelas y en sus usuarios, pretendían "cuidar, proteger e higienizar la infancia", tarea asumida hacia la inserción del territorio paranaense en el proceso nacional de saneamiento sanitario y social. Se trata de una investigación de carácter histórico inspirada en las ideas de proceso civilizador de Norbert Elias. De este modo se propone reconocer propuestas de civilidad contenidas en los discursos médicos. Los conceptos de educación y las prescripciones para la escuela en el período estudiado producidas por la Ciencia Higiene son aquí presentadas.

*Palabras clave*: Salud escolar. Eugenia. Historia de la medicina. Medicina y educación.

Recebido em 10/05/09. Aprovado em 04/01/10.